

# P O E S I A

---

WASSILY CHUCK

## POÉTICA DA SOMBRA

Noite branca,  
a página em branco e o cansaço de todos os  
começos.

E teces, não as letras,  
os vazios entre elas; não os sons,  
os silêncios das ondas quebrando no sono,  
silêncios entre ti e tua voz.

Mais que um fazer, um desfazer,  
as mãos tocam a transparência,  
o lado de lá das palavras. E vaza o signo  
entre os dedos,  
a forma, apaga-a o vento,  
o que fica, a sombra do tempo nas águas – o  
poema.

(poema cedido para publicação no livro  
*Andaimas*, de Milton Torres – Ateliê Editorial,  
2007 – a pedido do próprio Milton).

## A CIDADE E O POETA

A cidade se despe da tarde e se oferece, lírio  
aberto às mãos do poeta. E os dedos tocam os  
silêncios das casas e a vasta pobreza do vento  
pelas ruas.

Nenhuma posse, nada retém para si, mas,  
suave, o toque liberta, como o pássaro liberta  
o ar no voo mais denso.

(de *Silêncios de água e pedra*)

## VERÃO

Sol a prumo sobre o mar. A água madura,  
fruta aberta ao céu, o sumo azulado  
escorrendo, doçura e desejo.

E um torpor se ergue da espuma, a luz nos  
degraus da tarde. Sobre o corpo, o sabor  
da onda, o gosto de sal e a carne a sorver a  
limpidez do efêmero.

(de *Silêncios de água e pedra*)

## POÉTICA DA SOMBRA II

O poema – gesto extremo  
dos que não têm vida bastante  
para morrer.  
Em cada letra, cada sílaba,  
uma gota a menos de sangue  
nas veias tuas  
e de tua sombra.

No poema, se apagam teu rosto,  
teu nome e o riso  
das jovens que conheceste.  
No verso, morre teu mundo,  
a pele obscura das águas,  
o corpo desnudo da terra –  
beleza e dor  
e solidão sumindo.

A poesia não diz o que és,  
mas o que deixas de ser, ausência  
tingida de rubros remorsos.  
Quem versos escreve  
escande a morte, quem  
adentra o poema  
não regressa,  
ou regressa sem vida  
e sem voz.

(de *O outro lado do vento*)

## LE BATEAU FOU

Mais que vela ou ave  
a nave se revela  
um verso  
ao sétimo abismo  
do mar. Nau de noites  
apagadas, sua pegada é só  
presságio – não ser o naufrágio  
má sorte, mas o rumo, o norte,  
o próprio ser da viagem  
à miragem de ser.

(de *Rumo à vertigem ou a Arte de naufragar-se*)

### MENSAGEM NA GARRAFA I

Mais triste, talvez, que o fim, os restos,  
nos cantos da alma. Um nome, dizia  
tanto, e nem lembras o quê; cartas  
retratos, cobertos de tempo,  
a imagem da onda, após a noite  
apagar a onda, migalhas  
na mudez da mesa,  
durando.

Mais triste, talvez, que resto qualquer,  
restos do que não foi. A frase cortada,  
suspensa na voz, viagens sonhadas,  
a estrada, ficou para depois (como  
se houvesse um depois), tanta  
coisa que deixa de ser, sem  
nunca ter sido.

Mais triste, talvez, que tudo é saber:  
o que fica, o que resta, também  
perdido, restando só como perda,  
ausência ou leve  
silêncio.

(de *Rumo à vertigem ou a Arte de naufragar-se*)

### MENSAGEM NA GARRAFA II

O sargaço no ocaso,  
à janela aberta de um verão  
perdido, e tentas  
reter a cena  
em verso,  
em vão.

O verso não diz a imagem  
se abrindo à alma, só  
as margens que a limitam;  
o verso  
não salva o sonho  
que se recolhe  
e recua, a passos largos, lá  
onde a voz se esvai, onde moram o silêncio  
e seu eco. (É o verso escrito, outro engano  
no engano da vida)

(de *Rumo à vertigem ou a Arte de naufragar-se*)